

Cinema Lusófono

**Uma coletânea do Grupo de Pesquisa
Luso Brasileiro do Audiovisual**

Organizadores

Cristiane Pimentel Neder
Izabel Cristina Taceli



A recepção de *A Revolução de Maio* no Brasil: momentos históricos (1938, 1941 e 1947)

Eduardo Morettin

A revolução de maio (1937), de António Lopes Ribeiro, é um filme emblemático do esforço propagandístico do Estado Novo português. Mistura de ficção e documentário, conta a história de um ‘bolchevique’, César Valente, que ao voltar clandestinamente do exílio para Portugal com o intuito de disseminar a revolução, constata que o país sob Salazar havia mudado, para melhor. Nos momentos em que observa as ‘melhorias’, temos os entretchos documentais, com dados, estatísticas e registros das obras do novo governo. Ao final, arrependido, aborta o golpe e proclama sua adesão ao regime que antes caluniava. Como afirma Luís Reis Torgal, trata-se do “exemplo mais perfeito, como filme de ficção, da propaganda do Estado Novo” (2018: 13).

Uma versão editada dos centro e trinta e oito minutos de *A revolução de maio* foi preparada em 1941. Com cerca de 40 minutos, chegou a ser exibida no Brasil no mesmo ano, quando da visita de António Ferro, diretor da Secretaria de Propaganda Nacional de Portugal¹. Em 1947, nova versão é feita, agora com o título de *Redenção*, sem os entretchos de caráter documental. Ao contrário de *A revolução de maio*, muito pesquisada e

¹ Para estudo introdutório desta versão condensada ver (SOUSA e MOZOS, 2018, p. 27 – 28).

conhecida pelos historiadores de cinema português², há poucos estudos sobre as demais versões.

Não se trata aqui, portanto, de examinar novamente os filmes, mas indicar sua recepção no Brasil, indicativa dos laços que uniam nos anos 1930 os dois regimes políticos: o Estado Novo português e brasileiro. Ao mesmo tempo, perceber a forma como *Redenção* (1947) foi recebida, indica claramente as mudanças ocorridas no contexto político de época²

A revolução de maio estreia no dia 7 de março de 1938 no cinema Odeon, um dos mais importantes da cidade do Rio de Janeiro, então capital da República. Desde 10 de novembro do ano anterior o país vivia sob a ditadura de Getúlio Vargas, que havia dado um golpe militar a fim de evitar a tomada de poder pelos comunistas, argumento, como se soube depois, fantasioso. Começava então o chamado Estado Novo, nomenclatura semelhante à empregada para caracterizar a ditadura em Portugal, que se encerrou com a deposição de Vargas no final de 1945.

Nesse período, as liberdades civis foram cassadas. Dentre outras medidas, tivemos o Congresso Nacional fechado, os partidos políticos extintos, os opositores duramente reprimidos e os meios de comunicação severamente controlados por meio da censura. Se em 1937 o golpe instituiu um momento de exceção, deve-se observar que a ditadura consolidou um projeto de intervenção do Estado em diferentes campos da atividade sócio-econômica-cultural.

No que diz respeito ao nosso objeto de interesse, podemos citar a nacionalização da censura cinematográfica em 1932, sob a supervisão do Ministério da Educação e Saúde Pública até 1934, quando então passou a ser controlada pelo Ministério de Justiça. O decreto, que também tornou obrigatória a exibição de um curta-metragem nacional de caráter educativo antes dos longas de ficção, justificava a intervenção como sendo de caráter “cultural”. Em sua exposição de motivos do decreto, os filmes educativos são destacados como valoroso “material de ensino, visto

² Podemos citar, dentre os trabalhos mais importantes, que situam o filme dentro de seu contexto histórico, Heloisa Paulo (1994) e Luís Reis Torgal (2001). Wagner Pereira (2008), em sua tese de doutorado, discute o modelo português de propaganda em sua relação com os demais surgidos na Europa no mesmo período (2008)

permitirem assistência cultural, com vantagens especiais de atuação direta sobre as grandes massas populares e, mesmo, sobre analfabetos (...) um instrumento de inigualável vantagem, para instrução do público e propaganda do país, dentro e fora das fronteiras”³.

Não à toa a publicidade de **A revolução de maio** nos jornais brasileiros destacava, com certo exagero, que “a culta censura brasileira, classificando [o filme] de educativo, consagrou-o perante o Mundo” (ver, por exemplo, **Diário Carioca**, 24/03/1938, p. 3)⁴. Como disse um crítico favorável ao Estado Novo português e, conseqüentemente, ao filme, “é a maior honra que podia receber um filme português, porque assim se prova que a deslumbrante película se deve considerar como um exemplo capaz de se mostrar à sociedade deste florescente país, de molde a poder causar na sua vida moral um incentivo aos seus altos idealismos” (**O Imparcial**, 15/09/1938, p. 4).

Outro aspecto valorizado pela crítica ao estabelecer uma comparação entre os contextos políticos de Portugal e Brasil dizia respeito ao chamado “anticomunismo”, como presente no título de uma sugestiva matéria: “O anticomunismo pelo esplendor da imagem” (**A Noite**, 11/02/1938, p. 2). O cronista de outro jornal carioca **Gazeta de Notícias** (15/02/1938, p. 2) elogiava o fato de que “Portugal foi um dos países que mais pronta e eficazmente se opuseram à influência da propaganda comunista (...)”. Era essa “luta sem tréguas”, “da civilização contra o primitivismo comunista, representado pelo ‘governo’ de Moscou”, que **A revolução de maio** mostrava. Seu êxito nas grandes capitais do Ocidente, conforme relata, deveria se repetir no Brasil, “onde o Governo desenvolve neste momento, com o aplauso de toda a nação, uma intensa campanha contra a praga de Moscou e onde o cinema se acha integrado nos hábitos da população”.

Seguindo a orientação de Getúlio Vargas, que afirmara em 1934 que o cinema era o “livro de imagens luminosas”, foi criado em 1936 o Instituto

³ Sobre o projeto de cinema educativo ver MORETTIN, 2013, p. 91 – 136.

⁴ Ao final deste texto, apresento a relação das críticas que foram publicadas na imprensa sobre os dois filmes, material que pode servir a futuras pesquisas.

Nacional de Cinema Educativo (INCE), vinculado ao então Ministério da Educação. Dentre as inúmeras dificuldades enfrentadas por Humberto Mauro, diretor técnico do INCE e responsável pela realização de mais de 400 filmes até os anos 1960, havia a busca de um equilíbrio, nem sempre bem equacionado, entre a informação de caráter documental, como se espera de um filme educativo, a divulgação da ideologia conservadora do Estado Novo, dado o compromisso do instituto com o governo, e o desinteresse do público brasileiro por esse gênero de filme. Mauro havia dirigido ***Descobrimento do Brasil*** (1937), obra de caráter histórico nos moldes do idealizado pelo instituto: “rigor” científico, dado pelo respeito aos documentos, apego à “verdade” e recusa do melodrama histórico, fator que certamente contribuiu para o fracasso comercial dessa obra⁵.

Alguns meses após a estreia de ***A revolução de maio*** no Rio, Humberto Mauro representa o INCE no Festival de Veneza. A partir do que observou no festival, o diretor faz reflexões sobre o filme-documentário, o cinema nacional e a intervenção do Estado. No festival, o diretor assistiu ***Mannesmann*** (1937), de Walter Ruttmann. Em uma crítica que faz ao filme, publicada pelo ***Jornal do Brasil***, de 2 de novembro de 1938, Mauro aponta para a necessidade de se produzir longas que misturassem o trabalho de ficção com o registro documental. Talvez Mauro estivesse levando em consideração, além das recomendações para inserir mais melodrama em ***Descobrimento do Brasil***, as observações do crítico Pedro Lima sobre ***A revolução de maio***. Lima, que desde os anos 1920 acompanhava a carreira do diretor, toma o filme português como “um grande exemplo para os cinematografistas nacionais, fazedores de bobagens e de filmes curtos sem nenhuma valia quer para a indústria, quer para propaganda do Brasil” (***Diário da Noite***. 19/03/1938, p. 5).

Essas questões, enfim, marcam a leitura feita pela crítica brasileira da obra de Lopes Ribeiro que, como sabido, concilia melodrama e documentário de forma a mesclar romance e ideologia em sua busca pela difusão desse “novo” Portugal construído pelo salazarismo.

⁵ Sobre o contexto, Humberto Mauro e as relações entre cinema e política no período ver MORETTIN, 2013.

O interesse por *A revolução de maio* é manifestado desde maio de 1936, momento em que a obra está sendo preparada. *Cinearte*, a principal revista de cinema no Brasil, possuía uma coluna intitulada “Cinema de Portugal”, assinada por J. Alves da Cunha, dedicada a informar a extensa comunidade de imigrantes portugueses sobre as notícias relativas aos filmes e atores, permitindo que seus leitores acompanhassem os preparativos e as filmagens do filme, como vemos em diversas reportagens publicadas entre 1º de maio de 1936 a 15 de fevereiro de 1938.

De maneira geral, o filme foi avaliado positivamente, considerando-se, como dissemos atrás, que vivíamos sob uma ditadura, em um regime em que a censura imperava, contexto em que somente vinham a público as vozes concordantes com o *status quo*. Nesse sentido, *A revolução de maio* foi usado como exemplo para se pensar questões mais amplas e os caminhos a serem seguidos pelo nosso cinema, como já indicamos. Por exemplo, Edmundo Lys, em “Considerações sobre o Cinema e o Estado” (*Cinearte*, 01/05/1939, p. 4), considerava que não interessava ao Estado moderno o “cinema-propaganda e o cinema de doutrinação direta, por bons, por excelentes que sejam”, pois ele “não é um simples aparelho político-administrativo, mas um complexo de ideologias e sentimentos mais profundos, com o primado do nacionalismo ou do internacionalismo, elementos ambos de difícil tratamento direto”. Assim, avaliava *A revolução de maio* como um “filme de propaganda direta”, que, em seu gênero, era “estupendo”.

A questão da propaganda, considerada direta ou indireta, foi um dos motes reiterados por todos aqueles que se manifestaram sobre o filme. Álvaro de Loural Santos, detentor dos seus direitos de comercialização no Brasil, em uma das muitas entrevistas que concedeu aos jornais, deu o tom que encontraremos em muitas matérias jornalísticas. Para o “importante capitalista português e personalidade marcante nos meios sociais de Lisboa”, *A revolução de maio*, “na acepção restrita da palavra”, não seria um filme político. Segundo Loural Santos, “trata-se de um drama sentimental, apaixonante, mesmo, que se enquadra na grande obra de ressurgimento

nacional, realizada por Salazar. E, nesta parte, não há a mais leve ficção, o mais simples quadro falso. Há, sim, uma sequência de reportagens colhidas, fielmente, da verdade dos fatos, do acúmulo de realidades eloquentes e convincentes” (*Jornal do Brasil*, 20/02/1938, p. 11). Nesse sentido, o trabalho de Lopes Ribeiro foi visto como uma “ampla reportagem que se tem feito sobre a obra do Estado Novo” (*O Imparcial*, 18/09/1938, p. 4).

Um crítico, não identificado, de *Cinearte* avaliou como “bom” *A revolução de maio*, afirmando que a dimensão propagandística sempre é um risco para o “valor de um filme”, risco evitado pelo apuro técnico de Lopes Ribeiro (*Cinearte*, 01/07/1938, p. 41). Considerou, apenas, que as estatísticas “são desnecessárias, pois o filme sugere muito mais pelas imagens, expõe o tema com subtileza e convicção”. Destacou as cenas da visita do agitador à aldeia natal e a em que a bandeira portuguesa é hasteada, cenas que “não se encontram todos os dias em todos os filmes. Cinema do bom e do expressivo...”.

Na mesma linha de argumentação encontramos a avaliação de Mario Nunes, que foi “prevenidíssimo” à pré-estreia do filme, em sessão realizada para a crítica “e pessoas de relevo social”, prevenção que se justificaria pelo fato dos “filmes de propaganda política não [gozarem] da simpatia do público – nem da nossa”. Achou “deveras interessante e, se tem aquela finalidade, envolve-a em atrativos tais que o espectador dela se esquece, para deleitar-se com tudo durante as duas horas de sua projeção” (*Jornal do Brasil*, 10/03/1938, p. 11).

Elogia-se no filme a atriz Maria Clara, não sendo raro na publicidade encontrada que ou tenhamos um foto dela – de preferência, aquela em que a vemos com trajes de banho em uma praia – ou conste seu nome ao lado do título na publicidade. Essa valorização decorria de sua origem social, aspecto também observado pela crítica no Brasil a propósito de nossas atrizes. Como relatou um cronista, Maria Clara foi descoberta pelo diretor “em meio da elite, mas da elite de nome e linhagem” (*Jornal do Commercio*, 26/02/1938, p. 5), tanta nobreza, que seu sobrenome ela “não quis pô-lo nos cartazes” (*Jornal do Commercio*, 2 e 3/03/1938, p. 6).

No Rio de Janeiro o filme permaneceu em cartaz por um mês, circulando pelos cinemas da Cinelândia para depois ser exibido em salas mais distantes, espalhadas pelos bairros. Há notícias de projeções esporádicas na então capital do Brasil em maio, junho e julho (*Correio da Manhã*, 3/05/1938, p. 8, e *Jornal do Brasil*, 08/07/1938, p. 13, por exemplo). Depois de passar por Niterói e Petrópolis, retornou ao Rio entre agosto e novembro, sempre em sessões únicas em cinemas de bairros.

Em 16 de maio de 1938, o filme estreou em São Paulo, indicando que mais de uma cópia do filme circulou pelo país. Loural Santos “veio com a incumbência de apresentar o filme (...) de finalidades educacionais” (*Correio Paulistano*, 17/05/1938, p. 3). Permaneceu em cartaz na capital até o final do mês, sendo exibido em poucos cinemas no mês de junho e julho.

Até onde pudemos verificar, *A revolução de maio* esteve em diversas capitais da região norte e nordeste do país: em setembro e outubro de 1938 e novembro de 1939 na cidade de São Luís do Maranhão (*O Imparcial*, 16/09/1938); provavelmente em outubro de 1938 em Belém do Pará; em outubro e dezembro de 1938 em Manaus (*Jornal do Commercio*, 04/12/1938, p. 4); e em dezembro de 1938 em Recife (*Diário de Pernambuco*, 18 de dezembro de 1938, p. 11).

A versão condensada acima referida voltou a ser exibido em setembro de 1941, parte de uma programação dedicada ao cinema português no Rio de Janeiro e em São Paulo, realizada em virtude da presença no Brasil de Antonio Ferro, chefe do Secretariado da Propaganda Nacional de Portugal⁶. *A revolução de maio*, “em quatro partes”, foi exibida junto com *Hidráulica agrícola*, *Aldeias Portuguesas*, *Portugal na Exposição de Nova York*, *Portugal na Exposição de Paris*, *Mocidade Portuguesa*, *Bairros econômicos e Império Português (visita triunfal do presidente Carmona às colônias da África)* (*A Noite*, 01/09/1941, p. 5). A programação interessou Vinícius de Moraes, então crítico de cinema de *A manhã*, jornal sob controle direto do Estado Novo. Ele, que depois ficaria mundialmente conhecido pela sua poesia e letras de canções, fez elogios aos

⁶ Sobre esta visita ver Heloisa Paulo, 1994, p. 168 – 174.

filmes trazidos, “deixando de lado a parte política da série, que não interessa a esta crônica de Cinema”. Mencionou “um extrato patriótico sobre a Revolução de Maio, onde há bons aspectos fotográficos” para depois salientar a “esplêndida narrativa sobre *Aldeias Portuguesas...*”, documentário sobre o qual se deteve “por se tratar da parte verdadeiramente cinematográfica da série” (*A Manhã*, 03/09/1941, p. 5).

A circulação de *Redenção* (1947) foi, até onde pudemos apurar, muito mais restrita e sua repercussão na crítica brasileira, negativa, principalmente pelo fato do cinema em que o filme estava sendo exibido não anunciar que se tratava de uma reedição de *A revolução de maio*. A versão condensada foi exibida no Rio de Janeiro em janeiro de 1947, com notícias de projeções esporádicas em fevereiro e março.

Jonald, em “Reprises da semana” (*A Noite*, 24/01/ 1947, p. 5), considerou um engodo reprisar o mesmo filme com título diferente. Para ele, não bastava ter “no letreiro inicial, para visto da censura, o nome original [no] sub-título” e nem a citação, dentro do filme: “*Redenção*, baseado na revolução de maio”. Tratava-se de “fato também anunciado na imprensa para confundir o espectador desprevenido”.

Pudemos localizar outras críticas que acompanharam Jonald, como vemos no jornal carioca *Diário Trabalhista* (21/01/1947). Já o crítico cujas iniciais são indicadas como M. M., em seu “Comentário” (*Brasil – Portugal*. Rio de Janeiro, 26/01/1947), abriu espaço para que o “detentor oficial desse filme que pertence ao S.N.I.” esclarecesse as dúvidas existentes. Para Loural Santos, a reedição de *A revolução de maio* era justificada, pois a obra continuava “a ser um ótimo elemento de intercâmbio luso-brasileiro o embate das duas ideologias, uma tão perigosa para todo o mundo, e outra que acabou por vencer dentro do patriotismo, da ordem, da lei e da religião”.

Jonald foi duríssimo com o filme: “o padrão é medíocre. Propaganda ostensiva da ditadura de Salazar”. Ao contrário da perspectiva de Loural Santos, que apostava, não sem razão, que o cenário da Guerra Fria poderia dar novo fôlego ao filme no Brasil, o contexto não era mais de férrea

censura e vivíamos um momento mais aberto à pluralidade e diversidade de opiniões, apesar da cassação que ocorrerá, em maio de 1947, do Partido Comunista do Brasil. Por isso, talvez, **Redenção** teve no país vida curta, sem maior impacto em nossa cultura e meio cinematográficos. Ao mesmo tempo, indica a possibilidade de um estudo comparativo a partir de contextos históricos diversos de uma obra cinematográfica.

Referências

MORETTIN, Eduardo. **A revolução de maio** no Brasil. In: CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DE CINEMA. **‘A revolução de maio’. Antônio Lopes Ribeiro (1937)**. Lisboa: Cinemateca Portuguesa – Museu de Cinema, p. 19 – 26.

_____. **Humberto Mauro, Cinema, História**. São Paulo: Alameda Editorial, 2013.

PAULO, Heloisa. **Estado Novo e propaganda em Portugal e no Brasil**. O SPN/SNI e o DIP. Coimbra: Minerva História, 1994.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. **O império das imagens de Hitler: o projeto de expansão internacional do modelo de cinema nazista na Europa e na América Latina (1933 – 1955)**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Tese de doutorado.

SOUZA, Margarida e MOZOS, Manuel. **A revolução de maio**: versão condensada do filme. In: CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DE CINEMA. **‘A revolução de maio’. Antônio Lopes Ribeiro (1937)**. Lisboa: Cinemateca Portuguesa – Museu de Cinema, p. 27 – 28.

TORGAL, Luís Reis. **A revolução de maio** e o cinema de propaganda do Estado Novo: História de uma ‘conversão’. In: CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DE CINEMA. **‘A revolução de maio’. Antônio Lopes Ribeiro (1937)**. Lisboa: Cinemateca Portuguesa – Museu de Cinema, p. 9 – 18.

_____. (coord.). **O cinema sob o olhar de Salazar**. Lisboa: Temas e debates, 2001.

1. Fortuna Crítica de **A revolução de maio**¹

¹ Fortuna crítica estabelecida a partir de pesquisa realizada na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

CUNHA, J. Alves. Cinema de Portugal. *Cinearte*, 1 de maio de 1936, p. 29.

CUNHA, J. Alves. Cinema de Portugal. *Cinearte*, 15 de junho de 1936, p. 36.

CUNHA, J. Alves. Cinema de Portugal. *Cinearte*, 1 de agosto de 1936, p. 36.

CUNHA, J. Alves. Cinema de Portugal. *Cinearte*. 1 de outubro de 1936, p. 38.

CUNHA, J. Alves. Cinema de Portugal. *Cinearte*. 15 de dezembro de 1936, p. 38.

CUNHA, J. Alves. Cinema de Portugal. *Cinearte*. 1 de julho de 1937, p. 38.

Sem autor. Estrelas portuguesas. *Cinearte*, 15 de setembro de 1937, p. 40, 41, 48, 49.

O anti-comunismo pelo esplendor da imagem. *A Noite*, RJ, 11/02/1938, p. 2.

CUNHA, J. Alves. Cinema de Portugal. *Cinearte*, 15 de fevereiro 1938, p. 39.

Sem autor. Assumptos portugueses. Propaganda anti-comunista. *Gazeta de Notícias*. RJ, 15 de fevereiro de 1938, p. 2.

Sem autor. *A Revolução de Maio*, o novo filme português. *Jornal do Brasil*, 20 de fevereiro de 1938, p. 11.

Sem autor. *A Revolução de Maio*. *Diário Carioca*, 22/02/1938, p. 4.

Cinemas. *Jornal do Brasil*, 23 de fevereiro de 1938, p. 16.

Sem autor. *A Revolução de Maio*. *Jornal do Commercio*, 23 de fevereiro de 1938, p. 7.
Coluna Cinemas.

Sem autor. Assumptos portugueses. *A Revolução de Maio*. *Gazeta de Notícias*, RJ, 24 de fevereiro de 1938, p. 2.

Sem autor. O novo film portuguez que nos visita. *A Revolução de Maio*. *Diário Carioca*, 24/02/1938, p. 7.

Sem autor. *A Revolução de Maio*. *Jornal do Commercio*, 25 de fevereiro de 1938, p. 6.
Coluna Cinemas.

Sem autor. Cinema. *Diário Carioca*, 26/02/1938, p. 7.

Sem autor. *A Revolução de Maio. Jornal do Commercio*, 26 de fevereiro de 1938, p. 5.
Coluna Cinemas.

Sem autor. *A Revolução de Maio. Jornal do Commercio*, 27 de fevereiro de 1938, p. 10.
Coluna Cinemas.

ZENAIDE, Andréa. *A Revolução de Maio. Gazeta de Notícias*, 27 de fevereiro de 1938, p.
11.

Sem autor. *A Revolução de Maio. Jornal do Commercio*, 2 e 3 de março de 1938, p. 6.
Coluna Cinemas.

Sem autor. Várias Notas. Suplemento Feminino. *Correio da Manhã*, 3 de março de 1938,
p. 8.

Sem autor. Várias Notas. *Correio da Manhã*, 3 de março de 1938, p. 8.

Sem autor. Várias Notas. *Correio da Manhã*, 4 de março de 1938, p. 8.

Sem autor, Várias Notas. *Correio da Manhã*, 5 de março de 1938, p. 8.

Sem autor. *A Revolução de Maio. Jornal do Commercio*, 5 de março de 1938, p. 6.
Coluna Cinemas.

Sem autor. *A Revolução de Maio* amanhã no Odeon. *Jornal do Brasil*, 6 de março de
1938, p. 5.

Sem autor. *A Revolução de Maio. Jornal do Commercio*, 6 de março de 1938, p. 13. Co-
luna Cinemas.

Sem autor. Assumptos portugueses. Um film anti-comunista. *Gazeta de Notícias*. RJ, 6
de março de 1938, p. 2.

R. Cinema. *A Revolução de Maio* – Classe ‘B’. *A Noite*, RJ, 07/03/1938, p. 5.

Sem autor. *Correio da Manhã*, 9 de março de 1938, p. 8.

NUNES, Mário. Filmes que fomos ver: **Revolução de Maio**, da Tobis-Filme. *Jornal do Brasil*, 10 de março de 1938, p. 11.

Sem autor. *Jornal do Commercio*, 11 de março de 1938, p. 6. Coluna Cinemas.

Sem autor, Várias Notas. **Correio da Manhã**, Suplemento Feminino. 13 de março de 1938, p. 8.

Sem autor. *Jornal do Commercio*, 14/15 de março de 1938, p. 6. Coluna Cinemas.

Sem autor. *Jornal do Commercio*, 16 de março de 1938, p. 6. Coluna Cinemas.

MONTEIRO, Mozart. Propaganda de Portugal. **Gazeta de Notícias**, 16 de março de 1938, p. 2.

Sem autor. *Jornal do Commercio*, 18 de março de 1938, p. 6. Coluna Cinemas.

Sem autor. *Jornal do Commercio*, 19 de março de 1938, p. 6. Coluna Cinemas.

P. L. (Pedro Lima). **A Revolução de Maio**. *Diário da Noite*. 19 de março de 1938, p. 5.

Sem autor. *Jornal do Commercio*, 21/22 de março de 1938, p. 6. Coluna Cinemas.

Sem autor. *Jornal do Commercio*, 23 de março de 1938, p. 6. Coluna Cinemas.

Sem autor. *Jornal do Commercio*, 24 de março de 1938, p. 7. Coluna Cinemas.

Sem autor. *Jornal do Commercio*, 25 de março de 1938, p. 5. Coluna Cinemas.

Sem autor. *Jornal do Commercio*, 26 de março de 1938, p. 7. Coluna Cinemas.

Sem autor. *Jornal do Commercio*, 30 de março de 1938, p. 7. Coluna Cinemas.

Sem autor. *Jornal do Commercio*, 31 de março de 1938, p. 6. Coluna Cinemas.

Sem autor. *Jornal do Commercio*, 1 de abril de 1938, p. 6. Coluna Cinemas.

NORONHA, Jurandyr. Um pouco de historia **Cinearte**, coluna Cinema Educativo, 1º de abril de 1938, p. 4 e 5.

LYS, Edmundo. Cinema. *Diretrizes: política, economia, cultura*. n. 2. Maio, 1938, p. 48.

Correio da Manhã, 3 de maio de 1938, p. 8.

Sem autor. *A Revolução de Maio*. *Correio Paulistano*, 5 de maio 1938, p. 9

Sem autor. No Palacio do Governo. *Correio Paulistano*, 12/05/1938, p. 2.

“Cartaz”. *Jornal do Brasil*, 22 de maio de 1938, p. 5.

“Cartaz”. *Jornal do Brasil*, 28 de maio de 1938, p. 12.

“Cartaz”. *Jornal do Brasil*, 09 de junho de 1938, p. 13.

“Cartaz”. *Jornal do Brasil*, 11 de junho de 1938, p. 12.

Sem autor. Economia. *Il Pasquino: Coloniale* (SP) Destinado à colônia italiana, semanário humorístico, p. 22, 18 junho 1938.

Cartaz. *Jornal do Brasil*, 25 de junho de 1938, p. 13.

Cartaz. *Jornal do Brasil*, 01 de julho de 1938, p. 13.

C.F. *A Revolução de Maio*. *Cinearte*. Coluna A tela em revista. 1 de julho de 1938, p. 41.

Cartaz. *Jornal do Brasil*, 08 de julho de 1938, p. 13.

Teixeira Pinto. Carta de Portugal. *Jornal do Commercio*. Manaus, Amazonas, 11/07/1937, p. 1.

Cartaz. *Jornal do Brasil*, 12 de julho de 1938, p. 12.

Cartaz. *Jornal do Brasil*, 05 de agosto de 1938, p. 11.

Dois Grandes films para o Theatro Arthur Azeveo (sic), *O Imparcial*, MA, 26/08, 1938, p. 1.

Um film portuguez que impressiona a censura brasileira. *O Imparcial*, MA, 15 de setembro de 1938, p. 4, coluna Artes e Artistas.

O filme português no Odeon. **O Imparcial**, MA, 16 de setembro de 1938, p. 1.

A Revolução de Maio. O Imparcial, MA, 17 de setembro de 1938, p. 5

Viajantes. Jacyntho Aguiar. **O Imparcial**, MA, 17 de setembro de 1938, p. 2.

COELHO, Simões. Vida portuguesa. **O Imparcial**, MA, 18 de setembro de 1938, p. 4.

Revolução de Maio. O Imparcial, MA, 28 de setembro de 1938, p. 2.

Sem autor. **Pacotilha**, Maranhão, 11 de outubro de 1938, p. 5.

Sem autor. **Pacotilha**, Maranhão, 15 de outubro de 1938, p. 5.

Sem autor. **Jornal do Commercio**, 16 de outubro de 1938, p. 1. Coluna Cinemas.

Diversões. **Jornal do Commercio**. Manaus, Amazonas. 30/10/1938, p. 1.

Sem autor. Ruiu um cinema em Portugal. **Correio da Manhã**. 29 de novembro de 1938, p. 9.

Diário de Pernambuco, 18 de dezembro de 1938, p. 11.

Diário de Pernambuco, 24 de dezembro de 1938, p. 8.

O Imparcial, MA, 28 de novembro de 1939, p. 3.

Revolução de Maio. O Imparcial, MA, 29 de novembro de 1939, p. 4.

O Imparcial, MA, 1º de dezembro de 1939, p. 4.

O Imparcial, MA, 3 de dezembro de 1939, p. 7.

LYS, Edmundo. Considerações sobre o Cinema e o Estado. **Cinearte**. 1 de maio de 1939, p. 4.

2. Fortuna Crítica de **A revolução de maio** (versão condensada, 1941)

A exibição de films portugueses, no Broadway. **A Noite**. Coluna Cinema. 1 de setembro de 1941, p. 5.

MORAES, Vinícius de. Cinema. *A Manhã*, 3 de setembro de 1941, p. 5.

Sem autor. Santos. *Correio Paulistano*, 22 de outubro de 1941, p. 11.

3. Fortuna Crítica de *Redenção* (1947)

Sem autor. Um assunto que interessa á alma portuguesa - *Redenção. Brasil - Portugal*.
Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1947.

Noticiário de Cinema. Um filme para portugueses e brasileiros. *Jornal dos Sports*. 17 de
janeiro de 1947, p. 2.

Sem autor. *Redenção. Diário de Notícias*. 19/01/1947, p. 6.

L. B. Comentário do Dia. *Diário Trabalhista*. Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1947.

Jonald. Reprises da semana. *A Noite*. 24 de janeiro de 1947, p. 5.

M. M. Comentário. *Brasil - Portugal*. Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1947.

Sem autor. *Redenção*, o filme português extraído da revolução de maio. *Brasil-Portugal*.
Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1947.